

**Projeto, Memória e Sustentabilidade: Intervenção em conjuntos
edificados de valor patrimonial como instrumento de preservação da
memória e de sustentabilidade socioambiental.**

*Architectural Design, Memory and Sustainability: intervention on the built heritage as a
tool of memory preservation and of social-environmental sustainability.*

*Proyecto, Memoria y Sustentabilidad: intervenciones en conjuntos contruidos con valor
histórico como instrumento de preservación de la memoria y de sustentabilidad socio-
ambiental.*

1 Maisa VELOSO

Arquiteta, Doutora pela Universidade de Paris-III (Sorbonne Nouvelle); Professora Associada do Departamento de Arquitetura e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DARQ/PPGAU/UFRN); email: maisaveloso@gmail.com

RESUMO

Neste artigo, procuramos associar os temas da Memória e da Sustentabilidade, mais especificamente por meio da discussão sobre o projeto de intervenção em conjuntos edificados de valor patrimonial e sua importância para a preservação da memória e alcance da sustentabilidade socioambiental. Em um tempo em que estão na ordem do dia questões como a preservação do patrimônio histórico edificado e a conservação de recursos naturais e/ou já instalados em um lugar ou região, esta associação parece ser mais ou menos evidente em termos teóricos, mas, na prática, nem sempre o é, principalmente se observamos as intervenções contemporâneas nos espaços públicos da cidade e em seus edifícios. Alguns projetos de grande porte recentes no Brasil parecem tomar o caminho oposto ao que seria uma tendência de preservação do patrimônio edificado como forma de garantir a sustentabilidade social e ambiental, repassando heranças notáveis do passado e do presente para as gerações futuras e, ao mesmo tempo, promovendo ganhos sociais e racionalizando o uso do solo urbano e das infraestruturas e equipamentos nele instalados. A questão principal que se coloca aqui é: um edifício histórico de valor patrimonial, principalmente se em situação de degradação e/ou desuso, pode se tornar ecoeficiente sem perder sua autenticidade e, portanto, seu valor histórico e estético? E ainda, do ponto de vista da sustentabilidade social, em que podem contribuir projetos de preservação do patrimônio edificado? Esta discussão é baseada em alguns conceitos fundamentais (como memória e amnésia arquitetônica) e ilustrada por exemplos de intervenções recentes em sítios e edifícios de valor patrimonial.

PALAVRAS-CHAVE: memória, sustentabilidade, projeto.

ABSTRACT

In this article, we intend to associate the themes of Memory and Sustainability, by the means of the analysis of architectural design interventions on the built heritage and their importance to memory preservation and social-environmental sustainability. In a time when these questions are imperative, this

Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas
Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

association seems to be more or less evident, at least of a theory point of view. Therefore, in the daily practices, this relationship is less evident, especially if we observe contemporary interventions on the cities' public spaces and buildings. Some recent complex projects in Brazil seem to take the opposite direction, if they are compared to the world tendency to value built heritage preservation as a form to assure social and environmental sustainability, maintaining remarkable heritage from the past to the future generations. At the same time, the built heritage trust promotes social profits and the rational use of urban areas and infrastructures. The main question we discuss here is: may a historic building, mainly those which are degraded and/or unusable, become ecoefficient without losing its historic and aesthetic value? And yet, of a social sustainability point of view, to what may contribute built heritage preservation design? This discussion is based on some concepts (like architectural memory and amnesia) and it is illustrated by some recent interventions on heritage buildings and areas.

KEY-WORDS: *memory, sustainability, architectural design.*

RESUMEN:

Este texto procura asociar los temas de Memoria y Sustentabilidad, centrándose en la discusión sobre el proyecto de intervención en los conjuntos edificados con valor histórico y su importancia para la preservación de la memoria, y el alcance de la sustentabilidad socio-ambiental. En estos tiempos, en que cuestiones como la preservación del patrimonio histórico construido y la conservación de recursos naturales ya se han adoptado a como objetivo irrenunciable, esta asociación parece ser más ó menos evidente en términos teóricos, pero, en la práctica, no siempre lo es, principalmente si observamos las intervenciones contemporáneas en los espacios públicos de la ciudad y en sus edificios. Algunos proyectos recientes de grande envergadura en Brasil parecen tomar el camino opuesto a lo que sería una tendencia de preservación del patrimonio edificado como forma de garantizar la sustentabilidad social y ambiental, repasando legados relevantes del pasado y del presente para las generaciones futuras y, al mismo tiempo, promoviendo logros sociales y racionalizando el uso del suelo urbano y de las infraestructuras y equipamientos ya instalados. La cuestión principal que en este artículo se plantea es: un edificio histórico con valor de patrimonio, principalmente si se encuentra en una situación de degradación y/o desuso, puede convertirse en un edificio ecoeficiente sin perder su autenticidad y, por tanto, su valor histórico y estético? Y aún más, desde el punto de vista de la sustentabilidad social, en que pueden contribuir los proyectos de preservación del patrimonio edificado? Esta discusión se fundamenta en algunos conceptos fundamentales (como la memoria y la amnesia arquitectónica) y está basada en ejemplos de intervenciones recientes en lugares y edificios considerados patrimonio.

PALABRAS-CLAVE: *memoria, sustentabilidad, proyecto.*

1 INTRODUÇÃO:

Neste artigo, procuramos associar os temas da Memória e da Sustentabilidade que integram este evento, mais especificamente por meio da discussão sobre o projeto de intervenção em conjuntos edificados de valor patrimonial e sua importância para a preservação da memória e alcance da sustentabilidade socioambiental. Em um tempo em que estão na ordem do dia questões como a preservação do patrimônio histórico edificado e a conservação de recursos naturais e/ou já instalados em um lugar ou região, esta associação parece ser mais ou menos evidente em termos teóricos, mas, na prática, nem sempre o é, principalmente se observamos as intervenções contemporâneas nos espaços públicos da cidade e em seus edifícios.

Alguns projetos de grande porte recentes no Brasil parecem tomar o caminho oposto ao que seria uma tendência de preservação do patrimônio edificado como forma de garantir a sustentabilidade social e ambiental, repassando heranças notáveis do passado e do presente para as gerações futuras e, ao mesmo tempo, promovendo ganhos sociais e racionalizando o uso do solo urbano e das infraestruturas e equipamentos nele instalados.

Inicialmente, discutimos os principais conceitos relacionados à Memória da Arquitetura e à Sustentabilidade socioambiental nesta área de atuação, buscando pontos de convergência teórica. Em seguida, destacamos o entendimento do que seriam conjuntos edificados de valor patrimonial e as especificidades e dificuldades do projeto de intervenção neste campo. Por fim, relacionam-se os dois temas principais propostos (Memória e Sustentabilidade), procurando demonstrar, a partir de alguns exemplos concretos, como projetos qualificados em áreas de valor patrimonial podem contribuir positivamente para esta associação.

2 PROJETO, MEMÓRIA E SUSTENTABILIDADE

Memória e Amnésia arquitetônica

A noção de **Memória** é aqui entendida no sentido empregado por Marcel Proust (2001) em sua busca pelo tempo perdido, a qual, segundo análise empreendida por Deleuze (1993), vai muito além de um esforço de recuperar um passado definitivamente perdido, representando, sobretudo, uma busca pela verdade, através de signos e significados complexos. Esta noção se aproxima do princípio de autenticidade/veracidade (neste caso aplicado à historicidade e à esteticidade das obras de arte), defendido por Cesare Brandi (2004) em sua Teoria da Restauração, o qual, por sua vez, se insere na tradição moderna, alicerçada por Riegl, que valoriza o contraste entre o novo e o antigo, contrapondo as intervenções arquitetônicas do presente às preexistentes, em prol da preservação da memória das segundas e da legítima presença das primeiras.

Segundo Solà-Morales Rubió (2006, p.256), o que caracteriza a sensibilidade artística do século XX é “o contraste entre *Neuheitswert*, ou o valor da novidade, e *Alteswert*, ou a antiguidade como valor”. No caso da historiografia, partindo de Riegl e indo pelo menos até Giedion, “a história da arquitetura do passado tende a ser analisada como um produto do passado em que se ressaltam suas *inovações* e *diferenças* com respeito à arquitetura do presente” (*ibid*, grifo do autor). Assim, reconhece-se a impossibilidade de recuperar o passado e a necessária incorporação do “espírito do presente” como forma de perceber e interpretar seus significados. No campo do restauro, nega-se veemente o pastiche histórico e aceitam-se novos materiais e tecnologias nas obras de conservação e recuperação de antigas estruturas.

Ainda segundo Rubió, mais recentemente, o contraste já não seria um princípio estético fundamental nos problemas de intervenção, a não ser como “vestígio da poética do movimento moderno” (Figura 1). Uma nova sensibilidade teria surgido, fundamentada na “interpretação das características dominantes do antigo edifício de modo a fazê-las ressoar na parte que deveria ser acrescentada” (no caso de adições), criando, assim, tanto situações de “afinidade” como de diferença, por meio de operações analógicas. Como descobriu Grassi, “a chave metodológica para a intervenção se encontra na própria arquitetura do edifício existente” (apud Rubió, 2006, p.258). Cada edifício teria assim suas próprias exigências, o que inviabilizaria modelos estéticos universais. A “memória” do edifício se encerra em sua

materialidade concreta e caberia ao projetista responsável pela intervenção interpretar de “forma livre, arbitrária e imaginativa, as estruturas significativas deste material histórico e usá-las como marcos analógicos” na nova intervenção (ibid., p. 262). Nesta postura contemporânea, descarta-se então qualquer pretensão à veracidade. A história dá lugar ao (neo)historicismo interpretativo, em alguns casos com produtos sérios e de qualidade, em outros com soluções questionáveis, como veremos adiante.

Em decorrência do mau uso desta abordagem contemporânea, tem-se, no dizer de Vidler (2006a), “monumentos históricos indistinguíveis de reproduções reluzentes”, reintegrações e adaptações imitativas sem nexos histórico nem estético, evocando a “memória” de um passado desconhecido, mas *estranhamente familiar*, ou o seu oposto, a total amnésia (Figura 2).

Figura 1: Exemplo de preservação da “memória arquitetônica” com adição pelo contraste. Maison Carrée/Carré d’Art, Nîmes.
Fonte: <http://www.flickr.com/photos/25831000@N08/5513489226/>

Figura 2: Exemplo de “amnésia histórica arquitetônica” em prol de um desenho “contextual”. Sainsbury wing of National Gallery.
Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:National_Gallery_London_Sainsbury_Wing_2006-04-17.jpg

Em outro escrito, Vidler (2006b) classifica a produção arquitetônica contemporânea como aquilo que ele chama de “terceira tipologia”, ou aquela que toma a própria cidade como base para a referência das intervenções arquitetônicas. Uma espécie de versão ampliada da segunda postura estética apontada por Solà-Morales, neste último caso, restrita à escala do edifício.

Essa “ontologia da cidade” (...)

significa simplesmente que as principais condições da invenção do objeto e do ambiente não têm necessariamente que incluir o único recado da relação entre a forma e o uso. É neste ponto que a adoção da cidade como local para identificação da tipologia arquitetônica se torna decisivo. (Vidler, 2006b, p.287).

O insustentável peso da sustentabilidade

O conceito de **Sustentabilidade** inicialmente cunhado por Lester Brown, fundador do Instituto Worldwatch, e depois consagrado pelo Relatório Brundtland da Comissão mundial do meio ambiente e desenvolvimento, refere-se “à capacidade de atender as necessidades presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem suas próprias necessidades”, não considerando explicitamente a necessidade de preservar o que recebemos de melhor do passado. A preocupação com o futuro representa grande avanço, mas o foco da preservação é em geral o presente, sem destacar a possibilidade de aprendizado com o passado e a transmissão de sua memória para o futuro.

Sustentabilidade é um conceito sistêmico que abrange diversos aspectos e níveis de ações humanas, as quais são comumente agrupadas em três grandes dimensões: a ambiental, a

social e a econômica. Neste artigo, consideramos sobretudo as duas primeiras dimensões, sem aprofundar questões de cunho econômico que certamente também incidem sobre o projeto de intervenções no patrimônio edificado. Os resultados oficiais da recente Conferência Rio + 20 (Rio de Janeiro, junho de 2012) evidenciaram, mais uma vez, os conflitos inerentes a esta dimensão e, sobretudo, as dúvidas sobre quem pagará a conta da sustentabilidade ambiental e social do planeta, tão requerida pela sociedade civil. Para os governantes, isto parece ser um ônus insustentável no momento de crise das grandes economias mundiais.

Ecoarquitetura: um caminho possível

A sustentabilidade socioambiental em Arquitetura envolve todo o processo de concepção e produção do edifício ou de conjuntos edificados tanto do ponto de vista material como social. Ou seja, não só importam os recursos materiais, mas também os recursos humanos envolvidos, os impactos da construção nas comunidades locais, dentre outros aspectos. E é por isso que alguns autores como Gauzin-Müller (2011), e Roaf, Fuentes e Thomas (2003), preferem utilizar o termo Arquitetura Ecológica ou Ecoarquitetura, aquela que leva em consideração a ecologia do lugar em que está inserida, evitando o uso ineficiente dos recursos naturais e materiais envolvidos. Mas a dimensão social (e nela está inserida a dimensão cultural) nos parece importante para entendimento de questões relacionadas à Memória e à Sustentabilidade do patrimônio cultural, que vão, assim, além da preservação de recursos naturais.

No que se refere aos conjuntos edificados de valor patrimonial, as palavras-chave para entendimento do conceito são valor e reconhecimento. Valor, material e simbólico, que é atribuído socialmente, a partir do seu reconhecimento por grupos ou indivíduos. No caso da Arquitetura, trata-se de seu reconhecimento como obra de arte ou de arquitetura singular, que expressa determinada época ou estilo, e que muito além de uma finalidade prática, deve ter em seus valores histórico e estético seus fundamentos principais (Brandi, 2004). Para Carsalade (2001), a sustentabilidade cultural se dá através da “preservação de valores e mensagens os quais conferem sentido e identidade a determinado grupo cultural e étnico”. O autor sugere a preservação preventiva e propositiva, em oposição ao caráter de reação e de recuperação que em geral caracterizam os esforços de preservação. Neste sentido, além de mecanismos legais de proteção dos imóveis de interesse patrimonial, é que podem contribuir projetos de arquitetura que levem em conta os valores acima referidos, sem desconsiderar as necessidades atuais.

O **projeto** de intervenção em conjuntos edificados de valor patrimonial requer então conhecimentos especializados, notadamente em teoria e história da arquitetura, técnicas e materiais construtivos do passado e do presente, além de uma sensibilidade artística capaz de reconhecer e interpretar valores do passado através de seus signos e atribuir-lhes significado no presente, para poder transmiti-los para gerações futuras. Por sua natureza essencialmente modificadora, o projeto neste campo encontra sua principal dificuldade justamente nesta dialética do “preservar ao mesmo tempo em que modifica” (DE GRACIA, 1992), imprimindo a marca do presente no objeto do passado, visando sempre sua preservação para o futuro.

Aproximando os conceitos de Memória e Sustentabilidade

Nesta perspectiva multitemporal, Memória e Sustentabilidade parecem estar conceitualmente próximas. O conceito de patrimônio cultural, como definido pelo francês Hugues de Varine-Boham – diretor do ICOM nos anos 1960/70, também conhecido por formular o conceito de ecomuseu – inclui igualmente a dimensão ambiental – o chamado patrimônio natural – como

parte da cultura de um povo. As cartas patrimoniais formuladas desde Veneza (1964) proclamam esta necessidade de preservação abrangente: o edifício e seu sítio, o construído e o não construído, o material e o imaterial, e reconhecem como necessária a inclusão da natureza no patrimônio de uma determinada região e do próprio planeta, o que ganha mais força a partir dos anos 70, na esteira dos movimentos ambientais emergentes em todo o mundo.

Nos anos 80, como vimos, o conceito se expande para a noção de desenvolvimento sustentável deslocando grande parte da preocupação da preservação dos ambientes para a relação presente-futuro. Diante da abrangência da noção de sustentabilidade, surge a chamada ecoarquitetura como uma alternativa viável para fazer face às exigências de preservação de recursos naturais e industrializados na construção do edifício, notadamente através da economia de energia.

Mas do ponto de vista prático, o que se observa é que a arquitetura ecológica ou a ambientalmente sustentável é mais comumente associada a vernáculos exemplares (obras engenhosas de não arquitetos que souberam, sabiamente, adequá-las ao lugar onde se encontram), e mais recentemente, ao chamado *high tech* - arquiteturas inteligentes e altamente sofisticadas para uso racional de energia principalmente (Montaner, 2001). A relação deste tipo de arquitetura com o patrimônio histórico edificado é relegada ao segundo plano ou, quando ocorre, é feita de maneira circunstancial e periférica. A *mise-en-valeur* do patrimônio histórico edificado, a partir de ações de diversas naturezas, notadamente a partir dos anos 1980 (CHOAY, 2001), não é claramente associada à *mise-en-valeur* da questão ambiental/ecológica. Mais recentemente, dos meados dos anos 1990 para cá, é que estas duas questões são engendradas, sobretudo no sentido de recuperação de edifícios em áreas centrais de alto valor imobiliário, através de reusos adaptativos e reabilitações por meio de *retrofit* principalmente.

A questão principal que se coloca aqui é: um edifício histórico de valor patrimonial, principalmente se em situação de degradação e/ou desuso, pode se tornar ecoeficiente sem perder sua autenticidade e, portanto, seu valor histórico e estético? Recursos como *retrofit* são aceitáveis para a reintegração destes edifícios à vida contemporânea em que novas necessidades (como a economia de água e de energia, destino apropriado do lixo, dentre outras) são imperiosas? E do ponto de vista da sustentabilidade social, em que podem contribuir projetos de preservação do patrimônio edificado?

Esta discussão será ilustrada por projetos de intervenções recentes em sítios e edifícios de valor patrimonial.

3 ALGUMAS EXPERIÊNCIAS RECENTES: *RETROFIT* E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO

“The greenest building is the one that is already built”
Carl Elefante (2010).

Um relatório recente de pesquisa desenvolvida pelo *Green lab* do *National Trust of Historic Preservation*¹ alerta para a economia de recursos que envolvem a reutilização ou a adaptação e renovação (*retrofit*) de edifícios existentes - em vez da construção de novos, notadamente se a estes edifícios se agrega valor patrimonial histórico e cultural.

O chamado *retrofit* de prédios antigos tem sido proclamado em todo o mundo como uma estratégia eficiente para otimização de infraestruturas já instaladas nos centros urbanos bem como para economia de recursos naturais e humanos envolvidos no processo de construção de novos edifícios. É uma solução considerada sustentável em suas três dimensões: econômica, social e ambiental, e os argumentos para tanto nos parecem bastante plausíveis, sejam no âmbito do discurso acadêmico (BARRIENTOS, 2004; DEVECCHI, 2010) ou do mercadológico ⁱⁱ.

Assim sendo, práticas de adaptação de edifícios antigos a novos usos e/ou a novas tecnologias construtivas e sistemas de instalações prediais, têm se multiplicado pelo mundo, embora no Brasil esta produção seja ainda tímida, o que se deve, em grande parte, à desvalorização de áreas centrais consideradas degradadas, e que assim permanecem pela ausência de intervenções revitalizadoras de caráter duradouro, por parte das iniciativas pública e/ou privada.

Dentro dos limites impostos a este artigo, caberia aqui analisar algumas destas práticas de intervenção, principalmente aquela denominada *retrofit* e verificar em que medida elas conciliam preservação do patrimônio com os princípios de sustentabilidade, e, mais especificamente, se um edifício antigo de valor patrimonial pode ser ecoeficiente sem perda de sua autenticidade histórica e integridade estética, como colocamos mais acima neste texto.

Em primeiro lugar, faz-se necessário distinguir **os tipos de intervenção** em conjuntos edificados de valor patrimonial, esclarecendo o que se entende por cada um deles:

- 1- Conservação: que consiste em ações preventivas visando evitar a degradação dos bens patrimoniais.
- 2- Restauro: que, na acepção de Brandi (2004, p.33), procura o “restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico”, e sem cancelar nenhum traço de sua passagem no tempo.
- 3- Reuso Adaptativo: consiste na adaptação de antigos edifícios a novas funções ou sua reconversão ao uso original.
- 4- Reabilitação, renovação ou *retrofit*: focada essencialmente na recuperação da estrutura material da edificação, por meio da inserção de novas tecnologias e sistemas prediais, convertendo-a às exigências de conforto e segurança da vida moderna. Assim como o reuso adaptativo, pode ou não ser acompanhado de um propósito preservacionista.

Ressalta-se que um projeto pode conter mais de um ou mesmo associar os quatro tipos de ações em uma mesma obra, como por exemplo, na primeira situação, o restauro de fachadas ser acompanhado de *retrofit* das instalações do edifício, sem que tenha sido feita mudança de uso. Este é o caso, por exemplo, das intervenções realizadas há alguns anos nos hotéis Glória e Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, em que foi preservada também a essência de suas ambiências internas (Figura 3 e 4).

Figura 3: Conservação e modernização do Hotel Glória/RJ
Fonte: <http://www.hotelgloriario.com.br/historia/>

Figura 4: Conservação e modernização do Hotel Copacabana Palace/RJ
Fonte: http://www.copacabanapalace.com.br/web/orio_pt/copacabana_palace_history.jsp

Mas há também casos em que o reuso adaptativo acompanhado de modernização das instalações não respeita a autenticidade histórica e a integridade estética do edifício, notadamente em seus espaços internos, tendo também as fachadas e a cobertura, esta última chamada de “quinta fachada”, sofrido intervenções marcantes com a substituição de esquadrias e recobrimentos. Para manter os exemplos cariocas, basta observar alguns dos projetos de *retrofit* previstos para o Complexo Porto Maravilha, na zona portuária do Rio e proximidadesⁱⁱⁱ.

Analisando agora projetos de restauro e *retrofit* que integram a preocupação com a sustentabilidade do edifício antigo, citamos o exemplo do Eastern Market em Washington (Figura 5), um edifício do século XIX, com forte tradição na vida da cidade, que foi submetido à restauração e à modernização de suas instalações após um incêndio sofrido em 2007. Neste caso, a eficiência energética do edifício foi alcançada sem prejuízo de suas características históricas.

Figura 5: Restauração e *retrofit* sustentável do Eastern Market/Washington
Fonte: www.easternmarket-dc.org/; <http://blog.flickr.net/en/2007/06/04/before-after-eastern-market/>

Outro caso muito comentado pela crítica foi o do IIT Crown Hall (Figura 6), projeto do renomado arquiteto modernista Mies Van der Rohe, que foi objeto de um *retrofit* em 2011, sob a responsabilidade dos grupos Atelier Ten e Transsolar.

Como afirma o grupo autor do projeto de intervenção arquitetônica,

Atelier Ten and Transsolar explored how comfort and conditioning problems could be addressed in upcoming renovations. The challenge was to develop a design which allowed continued use of the building's original mixed-mode ventilation strategy without changing the appearance of this masterpiece while improving comfort and energy efficiency. Some proposed measures restore elements of the original design, such as replanting trees along the south and west façades, while others focus on upgrading technical systems, such as upgrading the lighting system, restoring the natural ventilation panels, adding modern controls, and improving the radiant floor system^{iv}.

Figura 6: *Retrofit* do Crown Hall/IIT
Fonte: <http://www.atelierten.com/2011/projects/s-r-crown-hall-renovation/>

Por fim, caberia destacar que projetos de intervenção no patrimônio edificado podem ter sustentabilidade social, na medida em que levam em conta questões como baixo impacto das reformas nas comunidades locais consolidadas, permanência destas por meio da oferta de novas moradias e integração nos projetos de restauro e/ou reabilitação dos edifícios por meio de capacitação técnica de mão-de-obra, gerando emprego, ainda que temporário, além de ações educativas associadas aos projetos, no sentido de disseminar a importância da

preservação dos bens móveis e imóveis, materiais e imateriais, da comunidade.

Certificação versus preservação

Outra tendência recente da produção arquitetônica contemporânea é a busca por certificações de desempenho ambiental e energético de modo a agregar valor ao edifício (projetado ou existente), o que em geral é expresso em “selos verdes” hierarquizados segundo o desempenho obtido. No caso de edificações históricas, agregar um novo valor (ambiental) ao edifício não é em si um problema, a não ser que as exigências normativas feitas para se obter a certificação comprometam sua unidade potencial, histórica e estética. Ou seja, a obtenção da qualidade ambiental não pode ser conquistada através da perda do valor histórico e estético da antiga construção. As principais dificuldades para atendimento destas exigências estão no tratamento das envoltórias (envelope) e das vedações (esquadrias notadamente) da edificação, sobretudo quando ocorre substituição de materiais originais por novos que apresentam melhor desempenho térmico e energético. Mais uma vez, não só o conhecimento técnico como histórico, e, sobretudo, a sensibilidade do projetista na interpretação e ponderação destes valores são determinantes para a adoção de estratégias sustentáveis que não comprometam a integridade do edifício.

Em muitos países desenvolvidos, como no caso dos Estados Unidos, tem-se assistido à procura crescente de certificações ambientais para edifícios existentes, obtidas por meio de *retrofit*, notadamente nos imóveis de grandes grupos de empresas comerciais e hoteleiras, em que é normalmente alto o consumo de energia. Assim, o *retrofit* ambiental significa, sobretudo, uma questão de economia nos custos operacionais destas empresas, além de um diferencial na disputa pela clientela. Mas, do ponto de vista global, pode-se considerá-lo como uma ação sustentável também no que se refere às dimensões ambiental e social.

Enfim, retomando a afirmação de Elefante (2010) que considera “o mais verde dos edifícios aquele que já está construído”, ações demolidoras como as já realizadas ou em andamento para dar lugar a projetos complexos relacionados aos grandes eventos esportivos que se realizarão no Brasil em 2014 e 2016, são portanto absolutamente insustentáveis em todas as dimensões, e mais ainda nos casos em que as demolições envolvem edifícios com valores patrimoniais, materiais ou simbólicos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, memória e sustentabilidade podem ser conceitualmente aproximadas e repercutir em ações preservadoras por meio do projeto de intervenção em conjuntos edificados de valor patrimonial, adequando-os a novos usos e tecnologias, sem perder de vista sua autenticidade histórica e integridade estética. Isto requer tanto conhecimento técnico como sensibilidade artística para reconhecer o edifício como uma obra com valores a preservar. Os tipos de intervenção são variados e, retomando o que falou Rubió (2006), tendem cada vez mais a buscar no próprio edifício, ou na cidade em que se insere, como salientou Vidler (2006), a referência formal/tipológica para a intervenção. No entanto, nem tudo é feito com o cuidado necessário. E a opção moderna pelo contraste parece persistir, sobretudo no caso brasileiro, tanto em expansões com adições de anexos como na inserção de novas arquiteturas em contextos históricos existentes. Na verdade, muitas das intervenções recentes no patrimônio

edificado brasileiro podem ser consideradas como verdadeiras ameaças para a preservação deste patrimônio; como demonstramos nos casos de “curetagem” ou reformas que modificam a natureza do espaço interno do edifício e da relação forma-uso original. *Retrofit* tecnicamente eficientes e que respeitaram esta essência da arquitetura dos edifícios antigos podem ser considerados como intervenções bem sucedidas em que foi possível conciliar memória e sustentabilidade. Nestas últimas, observou-se que princípios teóricos e estéticos pautaram as decisões técnicas e que valores socioambientais sobrepujaram valores puramente econômicos e/ou imagéticos, tão difundidos na cultura contemporânea.

5 REFERÊNCIAS

- BARRIENTOS, M. I. G. G. Retrofit de edificações: estudo de reabilitação e adaptação das edificações antigas às necessidades atuais. 2004. Dissertação de Mestrado (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- DEVECCHI, A.M. Reformar não é construir. A reabilitação de edifícios verticais: novas formas de morar em São Paulo no século XXI. Tese de Doutorado (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- BRANDI, C. *Teoria da Restauração*. Trad. Beatriz Mugayar Küll, Cotia/São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- CARSALADE, F. Patrimônio histórico: sustentabilidade e sustentação. In: *Arquitextos Vitruvius*, 02.013, São Paulo: junho de 2011. Disponível no endereço <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/885>. Acesso em março/2012.
- CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- DE GRACIA, F. *Construir en lo construído - La arquitectura como modificación*. Madrid: NEREA, 1992.
- DELEUZE, G. *Proust et les signes*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.
- ELEFANTE, C. Renewal and Transformation. Vancouver Heritage Foundation Symposium, nov, 2010. Disponível no endereço http://www.vancouverheritagefoundation.org/documents/VHF_Sustainability_Symposium_000.pdf. Acesso em maio/2012.
- GAUZIN-MÜLLER, D. *Arquitetura ecológica*. São Paulo: Editora SENAC, 2011.
- MONTANER, J. M. A beleza da arquitetura ecológica. In: MONTANER, J. M. *A modernidade superada. Arquitetura, arte e pensamento do século XX*. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.
- PROUST, M. *Em busca do tempo perdido*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ROAF, S.; FUENTES, M.; THOMAS, S. *Ecohouse 2: a design guide*. Oxford Burlington, Mass.: Architectural Press, 2003.
- RUBIÓ, I.de S.M. Do contraste à analogia: novos desdobramentos do conceito de intervenção arquitetônica. In Nesbitt, K. (org.). *Uma nova agenda para a arquitetura – antologia teórica 1965-1995*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2006. Texto publicado originalmente em 1985, In *Lotus International*, n.46.
- VIDLER, A. Uma teoria sobre o estranhamente familiar (1990). In Nesbitt, K. (org.). *Uma nova agenda para a arquitetura – antologia teórica 1965-1995*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

NOTAS/fontes da internet

ⁱ <http://www.preservationnation.org/information-center/sustainable-communities/sustainability/green-lab/>

ⁱⁱ <http://www.direcionalcondominios.com.br/edicao-150-set/10/retrofit>

Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas
Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

ⁱⁱⁱ www.portomaravilha.com.br; <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=751306&langid=5>;
<http://www.pylos.be/pt-br/projetos/detail/gamboa-07>; <http://www.pylos.be/pt-br/projetos/detail/riachuelo-130>

^{iv} <http://www.atelierten.com/2011/projects/s-r-crown-hall-renovation/>